

PROPOSIÇÕES



PROJETO DE LEI ORDINÁRIA 419/2023

Fica estabelecido o sexo biológico como o único critério para definição do gênero de competidores em partidas esportivas oficiais no Estado de Pernambuco.

TEXTO COMPLETO

Art. 1º Fica estabelecido o sexo biológico como único critério definidor do gênero dos competidores em competições esportivas em todo o Estado de Pernambuco, sendo vedada a atuação de transgêneros em equipes do sexo oposto ao do nascimento.

Art. 2º As entidades de administração do desporto e as entidades de prática desportiva que não observarem esta lei, na oportunidade da inscrição de seus atletas em competições oficiais, serão desclassificadas e/ou multadas, conforme regulamento.

Parágrafo único. Comprovado o desconhecimento dos responsáveis pela inscrição da condição do atleta transgênero, ainda que a equipe beneficiada tenha sido premiada, o prêmio ou o título será anulado automaticamente, sem prejuízo da apuração de responsabilidades.

Art. 3º O atleta transgênero que omitir sua condição da respectiva entidade de administração do desporto e da respectiva entidade de prática desportiva, responderá por doping e será banido do esporte.

Art. 4º Esta Lei entra em vigor na data da sua publicação.

JUSTIFICATIVA

O objetivo deste projeto é estabelecer normas de direito desportivo nos termos do artigo 24, IX, da Constituição Federal, que estabelece a competência concorrente aos estados para legislar sobre o tema.

A participação de atletas transgêneros em competições esportivas oficiais vem se repetindo em diversas modalidades em todas as unidades da Federação brasileira. Embora seja de conhecimento geral que, para a transformação de sexo, faz-se necessário o uso de hormônios e de cirurgias invasivas de grande complexidade, já ficou comprovado pela medicina, que a formação fisiológica do atleta transgênero não se altera, o que representa, portanto, vantagem desses atletas em relação aos demais.

No último dia 12 de março, na Itália, corredora transexual bate recorde dos 200m rasos e causa polêmica, Valentina Petrillo é velocista e passou por um processo de hormonal de mudança de sexo; especialistas contestam os resultados dela nas pistas, Valentina Petrillo, uma velocista italiana, está mexendo com o atletismo daquele país. Isso porque ela nasceu homem, Fabrício Petrillo, e há alguns passou por processo hormonal de troca de gênero e conseguiu autorização para competir entre as mulheres na categoria master, para atletas com mais de 50 anos.

Desde que começou a disputar competições femininas, os resultados de Valentina surpreendem, mesmo com um problema de visão, ela já conquistou oito campeonatos italianos e, no último dia 12, bateu o recorde nacional nos 200 m indoor, com a marca de 26s27.

A competição que deu a marca à velocista viralizou nas redes sociais, já que nenhuma mulher havia corrido tão rápido nessa distância antes, e pelo grande sprint que ela deu deixando claro a importância que a força física dela teve para conquistar o recorde.

Além disso, o estatístico Marco Alciator contestou o feito ao dizer que "a proeza de Petrillo nas competições atléticas femininas dificilmente é digna de elogios, já que, se competisse na corrida masculina, a marca não estaria nem no top 10 dos records."

Após o fim da corrida, os torcedores contestaram o resultado das pistas e gritaram o nome de Cristina Sanulli, que ficou em segundo lugar, com uma marca que bateria o recorde italiano. "Não nos sentimos iguais, justamente porque a estrutura física [de Petrillo] é masculina. Portanto, não estamos correndo de igual para igual. Embora o caminho [pessoal] que Valentina tomou seja respeitável... atleticamente falando não é, e por isso nos sentimos muito discriminados", afirmou Cristina à imprensa italiana.

Também teve grande repercussão a notícia de que uma jogadora transexual passou a integrar uma equipe feminina de vôlei, inclusive recebendo o título de melhor do ano de 2018 na categoria, conforme amplamente divulgado pelos meios de comunicação.

Tal situação vem se repetindo em diversas modalidades esportivas, em que pessoas do sexo biológico masculino, após cirurgias de redesignação sexual, alteração do nome social, implantes mamários, gluteoplastias de aumento, e ininterruptos tratamentos hormonais, passam a integrar equipes femininas.

Apesar de todos os procedimentos descritos, é fato comprovado pela medicina que, do ponto de vista fisiológico, ou seja, a formação orgânica não muda, afinal, "homens são formados com testosterona durante anos, já as mulheres não têm esse direito em momento algum da vida. Muitas jogadoras não vão se pronunciar com medo da injusta patrulha, mas a maioria não acha justo uma trans jogar com as mulheres. E não é. O corpo foi construído com testosterona durante a vida toda. Não é preconceito, é fisiologia. Por que não então uma seleção feminina só com trans? Imbatível!" (Ana Paula Henkel, ex jogadora de vôlei em entrevista ao portal UOL.

O medo é legítimo, afinal até a ex-tenista Martina Navratilova, recordista absoluta em títulos nos mais importantes campeonatos do mundo, homossexual assumida e defensora dos direitos LGBTQIA+, foi tachada de "transfóbica" ao se posicionar contra a presença de homens biológicos no esporte feminino. Fonte: Gazeta do povo

Ainda que se considerem mulheres, as atletas trans têm, além de estrutura corporal avantajada, altura, força física e de impulsão, capacidades pulmonar e cardíaca muito maiores do que as das mulheres, o que deixa as concorrentes em clara desvantagem. E a redução do nível de testosterona por um ano, como indica o COI, não elimina essa vantagem. Fonte: Gazeta do povo

Atletas americanas do ensino médio estão processando a Conferência de Atletismo Interescolar de Connecticut, depois de perderem a chance de conseguir bolsa nas melhores universidades, simplesmente porque era impossível vencer duas transexuais inscritas no campeonato escolar. As duas conquistaram o primeiro e o segundo lugares das provas disputadas e receberam bolsas para integrar equipes universitárias, uma delas em Harvard. (Fonte Gazeta do Povo 07/06/2020).

O SWS, sigla para o nome em inglês Save Women's Sports (Salve os Esportes Femininos), surgiu nos EUA no começo de 2019 e em um ano de atuação já tem representantes em mais de 30 países. O movimento é formado por mulheres e homens pesquisadores em fisiologia humana, médicos do esporte, advogados que atuam na justiça desportiva, técnicos e ex-atletas. A maioria das esportistas em atividade, embora revoltada com o que está acontecendo no esporte feminino, tem medo de se posicionar e ser acusada de preconceito.

Na página do SWS, há registros de inúmeros títulos e recordes conquistados por atletas trans em campeonatos femininos e uma galeria de fotos por si só bastante desconcertante, dada a diferença física entre as campeãs (transexuais) e as demais competidoras, mulheres.

O movimento também divulga em seu site inúmeras histórias de atletas que perderam o estímulo e desistiram de competir, depois de ver que não havia mais espaço para as mulheres no lugar mais alto do pódio nem nos registros de recordes esportivos femininos. A lista é encabeçada pelo relato da fundadora do movimento, ela própria uma ex-atleta vencida pelo desânimo, Beth Stelzer era levantadora de peso amadora e vinha se superando no esporte, mas se viu impossibilitada de seguir competindo depois que uma atleta trans passou a levantar 50 quilos a mais que as melhores e mais preparadas adversárias. A atleta abandonou os campeonatos, mas não desistiu de lutar para provar o óbvio: que há enormes diferenças biológicas entre os corpos masculinos e os femininos e que incluir homens biológicos nas disputas com mulheres é acabar com o esporte feminino.

"Não à toa homens esportistas de pouca expressão nos rankings do esporte masculino viraram campeões absolutos e até recordistas quando passaram a usar outra identidade social e a competir com mulheres, como foi o caso de Craig Telfer. O jovem velocista americano, inexpressivo nas competições masculinas, virou um fenômeno nas pistas, depois de fazer a cirurgia de transição de sexo aos 21 anos, mudar o nome para Cece Telfer e tornar-se a primeira transexual no torneio universitário de atletismo feminino dos Estados Unidos, vencendo os 400 metros com barreiras e dando o primeiro título nacional à Franklin Pierce University."

Pelo fato de terem nascido homens, o corpo foi moldado com auxílio do hormônio masculino testosterona. Já as mulheres atletas, não têm esse direito de uso do referido hormônio masculino para aumento de capacidade corporal, pois são monitoradas constantemente por exames antidoping.

Caso as atletas sejam pegadas com alto nível de testosterona no sangue, elas serão punidas até mesmo com a perda de títulos conquistados anteriormente.

Apenas como parâmetro, o nível de testosterona considerado normal em homens adultos é de L75 a 781 ng/dl, já em mulheres adultas, os níveis normais são considerados entre t2 a 6Q ng/dl, ou seja, a diferença é muito grande.

Ademais, essa tese é corroborada pelo fisiologista Turíbio Barros, (Mestre e doutor em fisiologia do exercício pela Escola Paulista de Medicina - EPM. Membro do American College of Sports Medicine - ACSM, professor da UNIFESP, Coordenador do Curso de Especialização em Medicina Esportiva da UNIFESP, Fisiologista do São Paulo Futebol Clube - SPFC e coordenador do Departamento de Fisiologia do Esporte clube Pinheiros. Foi colunista do JT e publicou mais de 140 artigos científicos em revistas nacionais e internacionais do segmento esportivo. Publicou 7 livros, entre eles "O Exercício - aspectos especiais e preventivos", pelo qual ganhou o Prêmio Jabuti de Literatura Científica. Sua experiência de mais de 35 anos na área da fisiologia do exercício é voltada principalmente para atividade física, esportes, suplementos nutricionais, consumo de O2, aptidão e avaliação física, qualidade de vida e orientação à atletas, não atletas e iniciantes. Atualmente é consultor científico da MIDWAYLABS USA e colaborador do Eu Atleta.

O fisiologista que explica que a testosterona é a chave na discussão sobre a participação de atletas transexuais em competições femininas.

"O hormônio é um anabolizante que faz com que a massa muscular do homem seja maior do que a da mulher, influenciando na velocidade, na força e na potência do indivíduo - o homem produz em média de sete a oito vezes mais testosterona do que a mulher".

Para Turíbio, porém, a atleta carrega parte da herança de anos de crescimento com níveis masculinos de testosterona. Uma coisa é a formação física que ela tem antes do processo (de tratamento hormonal).

Certamente ela se beneficiou da testosterona até o momento da cirurgia e do tratamento hormonal logo, quando ela faz o tratamento, ela perde parte dos benefícios que ganhou, mas não é tudo. Então, ao comparar com uma atleta que nasceu mulher, a atleta Trans tem vantagem sim, não tem como negar.

Por fim chamamos a atenção para o desabafo da fundadora do SWS quando diz:

"Se permitirmos que os homens participem de esportes femininos, haverá esportes masculinos, esportes mistos, mas não haverá mais esportes femininos."

Portanto, pelo mérito contemplado, pela pertinência da proposição e por percebê-la trazendo sensíveis benefícios ao esporte Pernambucano, no tocante a manutenção verdadeira dos esportes femininos, peço o apoio dos nobres pares para a aprovação da presente propositura.

HISTÓRICO

[11/03/2023 12:44:23] ASSINADO
[21/03/2023 14:59:18] ENVIADO P/ SGMD
[22/03/2023 15:28:19] RETORNADO PARA O AUTOR
[22/03/2023 15:49:47] ENVIADO P/ SGMD
[23/03/2023 07:22:21] ENVIADO PARA COMUNICAÇÃO
[23/03/2023 14:23:36] DESPACHADO
[23/03/2023 14:23:52] EMITIR PARECER
[23/03/2023 16:42:03] ENVIADO PARA PUBLICAÇÃO
[24/03/2023 09:50:25] PUBLICADO

INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

STATUS

Situação do Trâmite: PUBLICADO

Localização: SECRETARIA GERAL DA MESA DIRETORA (SEGMD)

TRAMITAÇÃO

1ª Publicação: 24/03/2023

D.P.L.: 7

1ª Inserção na O.D.:

Esta proposição não possui emendas, pareceres ou outros documentos relacionados.

FONE
(81) 3183-2211

E-MAIL
ouvidoria@alepe.pe.gov.br



Rua da União, 397, Boa Vista, Recife,
Pernambuco, Brasil, CEP: 50050-909
CNPJ: 11.426.103/0001-34
Inscrição Estadual: Isenta